

1-10-60

A CRÔNICA de Rubem Braga

A Hora e a Honra do Exército

O MOMENTO é de política, mas isso não impede — e até sugere — que se pense um pouco em forças armadas. Um dos candidatos é marechal, e o símbolo de sua campanha é a espada. Seria de crer, assim, que a sua vitória prenunciaria um aperfeiçoamento e um fortalecimento de nosso aparelho militar. Sabemos, entretanto, por uma experiência demasiado recente, que este não é o caso.

Vitorioso nos golpes que vibrou contra os presidentes da República, seus superiores hierárquicos, o Marechal Lott teve todos os vagares, como Ministro da Guerra, verdadeiro Condestável, de unir as forças militares, espiritualmente divididas pelos azares da política.

Não o fez. Aprofundou minuciosamente essa divisão; foi implacavelmente vingativo para com todos que, por um motivo ou outro — mesmo por simples acaso —, haviam-se colocado em certo momento em oposição a ele. Não soube respeitar os melindres mais que justificáveis da Marinha e da Aeronáutica, e manteve dentro do Exército, pela sua mesquinha e odienta discriminação, um muro e uma fossa a separar os cumpinchas dos adversários ou, simplesmente, dos suspeitos. Faltou-lhe a grandeza generosa de um Caxias; não soube agir como um marechal; preferiu ser um coronel com aspas, um desses "coronéis" que, vitoriosos, nas lutas de campanário, deliciam-se, nos sertões de latifúndios, em humilhar e perseguir os vencidos. Uma de suas vítimas, velho soldado provado em lutas dentro e fora de nossas fronteiras, disse-me uma vez, com um sorriso melancólico: "Eu sabia que ele era medíocre, mas nunca imaginei que fosse tão pequeno".

Parece, entretanto, que aquele ilustre soldado que armou todo o dispositivo de novembro e despertou pela madrugada um General Duffles já pôsto em pijama para lhe fazer presente do golpe — parece que o Marechal Denys não tem sido o sucessor ideal que ele esperava. Consciente da importância e tremenda delicadeza de sua missão, o Marechal Denys tem-se negado a ser o ministro de dois Exércitos; discreta, mas firmemente, ele tem procurado restaurar nas fileiras aquele clima de respeito e de justiça, de isenção e de hierarquia verdadeira dentro do qual os soldados se sentem como um todo compacto a serviço dos interesses superiores da Nação.

Vitorioso o Marechal Lott, ninguém tem dúvida: ele escolherá um ministro dócil à sua política de proteções e preterições. Vencido, não faltarão, entre seus partidários mais exaltados, os dispostos a tentar realizar a sua suspeitíssima profecia de que a vitória de Jânio será a guerra civil.

E é porque acreditamos na vitória de Jânio que, nestas vésperas de eleição, voltamos nossos olhos para as forças armadas e, especialmente, para o seu núcleo mais potente, que é o Exército. Do patriotismo e da vigilância de seus chefes esperamos isto, e apenas isto: que o Presidente eleito se emposse, e governe. Esta é a honra da Democracia, esta é a honra do Exército; esta é a esperança, a confiança do povo.

162